

ORAÇÃO DA ACADEMIA

ANDRADE FURTADO

O Ceará Intelectual, neste momento, assume grave responsabilidade perante a consciência unanime do País. Elementos da maior expressão, nos labores da sua vida literária, integrantes das duas correntes em que, até agora, se dividia a geração atual de poetas e escritores, reúnem-se, numa frente única, para glória da projeção histórica da Terra da Luz.

Assim é que, de fato, devera ser, para disciplina das nossas forças patrióticas e construtivas.

Temos, no domínio da atividade mental, uma tradição, que não é possível esquecer e devemos sempre exaltar.

Aqui, brotaram e floriram os mais belos e viçosos rebentos da bendita selva das letras. Que importa tenham muitos, dentre eles, frutificado longe do torrão nativo, por este solo brasileiro tão vasto, fecundo e cheio de atrativos!

Já o primeiro dos nossos romancistas assinalou, como predestinação da raça, o pendor emigratório deste nosso povo, aventureiro e audaz.

Assim, ilustres cearenses, — figuras das mais eminentes no prosaetrio nacional — Heráclito Graça e Fausto Barreto, Franklin Távora e Araripe Junior, Alberto Nepomuceno e Paula Ney, por exemplo, não se radicaram ao chão áspero e rude em que nasceram e onde as chuvas benfazejas nem sempre caem a tempo de regar os plantios duvidosos, enquanto a soalheira do verão queima e abrasa, como fogo.

Há uma afinidade fortemente aproximativa entre as condições do clima físico e o aspecto espiritual da índole da nossa gente. Aprendemos, desde bem cedo, a lutar, contra a adversidade, robustecendo, destarte, a fibra da nossa resistência ao meio hostil.

Somos, proclamadamente, desbravadores pertinazes, que se afirmam, no vigor das jornadas, homens de ação e de fé, qualidades essenciais para o êxito das grandes conquistas.

A Academia Cearense de Letras, nesta fase culminante da sua organização, quando passa a congregar em seu seio a coletividade de consagrados valores culturais, conta com tão decidido e incontrastável fator de vitória.

Áureos dias se lhe antolham, no período que ora se abre, á faina das suas preocupações e labutas, pelo engrandecimento dos nossos fóros de intelectualidade e de infatigável amor ao trabalho.

Nos dias presentes, a missão do homem que maneja a pena requer um alto sentido de moralidade.

No dizer de Hugo Wast, a vocação artística é uma dignidade, que devemos aceitar, humildemente, como um dom gratuito de Deus e exercer, como um sacerdócio.

Nesta emergência crucial da História, é mistér realizar a recuperação do Mundo pelos tradicionais conceitos cristãos, únicos reativos eficazes contra a desordem do Pensamento.

Agitar ideas — disse o insigne Padre Leonel Franca — é mais grave do que mobilizar exércitos... “O soldado, conforme êle assinala, pode semear os horrores da força bruta, desencadeada e infrene. Mas, enfim, o braço cansa e a espada torna á cinta ou a enferruja e consome o tempo. A ideia, uma vez desembainhada, é arma sempre ativa, que não volta ao estojo nem se embota com os anos.

A lamina do guerreiro só alcança os corpos. Pode mutilá-los, pode trucidá-los, mas não há poder de braço humano que dobre as almas.

Pela matéria, não se vence o espírito.

A ideia do escritor é mais penetrante, mais poderosa, mais eficazmente conquistadora. Vai direito á cidadela da Inteligência. Se a encontra desapercebida (e quantas inteligências desaparelhadas para as lutas do pensamento!) toma-a de assalto, instala-se no seu trono e, daí, dirige e governa, a seu arbítrio, tôda a atividade humana.

Pelo espírito, subjuga-se a matéria.

Quantos crimes, que se atribuem á força, e são filhos da ideia!

Se fosse perfeita a justiça humana, muita vez, não sôbre o braço, que vibrou o punhal assassino, mas sôbre a pena, que semeou a ideia, é que deveram pesar os rigores da sua severidade.”

Porque se desprezam estas verdades, contemplamos o espetáculo sinistro dos povos em armas, para a conflagração iminente, patenteando-se, mais uma vez, a inutilidade, para o sossêgo coletivo, de tantos séculos de progresso.

É pela dinâmica da palavra, a serviço do Bem, que se hão de melhorar as condições da existência humana.

Com a consciência do nosso adminículo para tão nobre tarefa, aqui estamos articulados numa associação de bom entendimento, dispostos a honrar o pacto solene que firmamos, para o cumprimento estrito do nosso dever.

A fraternidade humana representa o alvo sublime e generoso do Evangelho.

Dentro das inspirações saudáveis e magnanimas do nosso programa de servir o Brasil, cultuamos a aproximação dos sodalícios de expoentes

do Saber, para que consolidemos a resistência nacional aos desfiguradores da Pátria — desta Pátria que é “uma das mais altas esperanças da Civilização”.

Nêste recanto do Nordeste, palpita a chama crepitante da verdadeira brasilidade, da pureza dos sentimentos, oriunda da nossa formação católica, sem laivos de estrangeirices, sem snobismos pedantes. A raça é cem por cento, quase, filiada às origens da nossa constituição étnica, mantendo instintivo respeito aos velhos canones da honradez e do civismo.

Esta matéria prima da mais reconhecida valia deve ser utilizada para a construção do monumento dos nossos fastos literários.

Brilharão, nesta apologia épica, feitos assombrosos de edificante coragem, como a expulsão dos intrusos holandeses, o movimento nativista pela Independência, a redenção dos escravos e o encorporamento do Território do Acre ao mapa geográfico da Nação.

Cabe-nos, noutro terreno, levar adiante a obra de exaltação dos nossos bríos. Assiste-nos o direito de zelar pelo patrimônio da lingua, formosa e casta, defendendo-a contra a ignorancia dos que a deturpam e maltratam.

O nosso belo idioma, no conceito de Rodrigues Lobo, tem de todas as linguas o melhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da francêsa, a elegancia da italiana.

Almeida Garret, no seu justo entusiasmo, afirma-se crente e convencido de que a lingua portugueza a todo estilo se presta, pela singeleza do seu dizer, pela malícia, popular e mordente, dos seus recursos.

Dela afirmou o imortal padre Antônio Vieira: “Valeu-me sempre tanto a clareza que, só porque me entendiam, comecei a ser ouvido, e o começaram a ser tambem os que reconheceram o seu engano e mal se entendiam a si mesmos”.

Lingua, em que mel com aroma se mistura, na frase dúctil e precisa do príncipe dos nossos poetas.

O trabalho meritório pela limpidez vernácula compete às aristocracias intelectuais, de que falava João Ribeiro, com desvanecimento.

A literatura tem a desempenhar, com efeito, magnifica tarefa social e civil.

Exalcemo-la no officio de exhibir aos olhos profanos as riquezas, de que é fertil, e os fulgores da sua magnificência.

Não é possível transformar a Arte em vasadouro dos instintos perversos e das paixões deprimentes. Dentro da sua inspiração, lampeja o sentido sobrenatural das coisas eternas.

A natureza busca, necessariamente, a compreensão da verdade.

Ruysbrock escreveu, admiravelmente: “O esplendor divino, sem limites, foi dado em comum aos espíritos amantes, em graça e glória. Para todos dimana, como um clarão do céu. Entretanto, os que o recebem não se vêem igualmente iluminados: o sol transilumina mais claramente o

vidro que a pedra, e o cristal que o vidro. Cada gema preciosa brilha e mostra nobreza, riqueza e côr, á luz do céu, e cada uma é iluminada em graça e glória, segundo a sua aptidão para o sublime.”

Está, nesta matáfora encantadora, explicado o destino do gênio no domínio universal. É refletir as cintilações da Verdade, do Bem e do Belo, no prisma da alma sensível e privilegiada. Tanto mais perfeita, quanto mais luminosa!

É que, segundo a intuição de um filósofo contemporaneo, viemos ao mundo para amar, crer, sentir, ser bom, feliz e forte, muito embóra, tantas vezes, atraioemos o nosso itinerário.

Quando no homem — sentenciou alguém — o infinito já não acorda ecos profundos e magníficos, que resta nele da obra divina? Ruínas de uma grandeza que desapareceu...

Ai daqueles que sacrificam o talento na pira das ilusões falazes! Maldito seja — exclamou Péguy — o estéril orgulho, mercê do qual o homem mata, em si próprio, o sentido do sagrado.

A fé — proclamou Coelho Neto — é uma claridade que desfaz as sombras interiores. O que não crê é como o cego, que anda tacteando — disse êle — sempre arriscado a perigos, bastando resvalar num talude para precipitar-se no abismo.

Aliemos, pois, em nosso mandato, nesta brilhante sociedade de letras, o culto do Belo ao respeito á Verdade e ao Bem.

No tempo confuso e desordenado em que vivemos, mais do que em qualquer outro, se torna necessário valorizar as coisas do Espírito.

A lei moral paira acima de tudo. Na previsão do autor da “Finalidade do Mundo”, é sómente para quem foge ao seu império, que a vida termina.

Realmente, fóra da sua órbita, existe o vácuo, o embotamento completo da sensibilidade.

Não se pode tomar consciência dos fatos que acontecem, como se não acontecessem, pois não repercutem, não provocam éco e desaparecem, conforme observou Roland Corbisier, tragados pelo instantaneo esquecimento.

É por isso que Paul Claudel nos adverte de que não pode haver condescendência com a falsidade, com a impostura, com a mentira.

Só uma atitude se deve assumir perante o que é mau — destruí-lo.

Afirmou Disraeli que um livro pode ser tão importante como uma batalha. Molda caracteres, encaminha designios, robustece decisões.

Nas escaramuças dos combates da Inteligência, exercitemos as nossas forças, para ressurreição do prestígio nacional.

Inspirados pela nossa crença e pelo nosso patriotismo, empreendamos aquilo que Olavo Bilac chamou, apropriadamente, um prodígio de taumaturgia social — lavrarmos a alma do Brasil, como os agricultores lavram o seu campo: com o tempo e a paciência, com a vontade e a arte, dando tóda a força do braço e energia do coração, a todos os largos e sublimes

trabalhos que o solo exige — o derrote e o amanhã, a aradura e o alqueive, a sementeira e a rega antes do dia nobre em que, coroando e abençoando o sacrifício, surge o esplendor da seára!

*
* *
*

Ingressa, hoje, em nosso carinhoso convívio, brilhante pleiade de novos timoneiros da causa por que aqui nos congregamos, neste solar do Ideal, onde manteremos, acêsa, dia e noite, a lampada da confiança nos destinos imortais da Pátria.

Integrando-se nos quadros da cruzada de exaltação dos nossos fóros de cultura, temos a alegria de receber, nesta festiva efeméride, que marca a data da fundação da Academia Cearense de Letras, epígonos dos mais categorizados da atualidade intelectual da nossa Terra.

Joaquim Alves — estudioso dos problemas atinentes á sociologia regional, autor de interessantes ensaios sôbre peculiaridades, usos e costumes sertanejos, tem nome feito nas lides do pensamento.

Nêle se encontram os traços dominantes da raça — pugnador infatigável, vencendo todos os obstáculos, á custa do esforço próprio.

Parece haver seguido a indicação altaneira de Edmond Rostand: — Subir! Sim, de vagar, porem subir sozinho!...

Conseguiu, desta maneira, atingir posição evidente no cenário do magistério e do jornalismo, vindo, presentemente, alargar o ambito das suas atividades no exercício dos mistéres que esta casa dele reclama.

Antônio Martins, devotado cultor do Direito, é figura saliente da moderna geração de homens lúcidos e progressistas, ao nível das exigências do nosso tempo.

Parece encarnar o conceito de Charles du Bos, fazendo da literatura a expressão mesma da vida, na sua plenitude avassaladora, de realizar e construir, de acometer e triunfar.

Ele dá o exemplo da teoria objetiva que adota, afirmando-se arrojado plasmador de empreendimentos valiosos, a que empresta tôda a vitalidade da sua dedicação ardente de legionário das idéias renovadoras.

Será, por certo, elemento dos mais uteis á expansão da nossa sociedade.

Servindo-me, adequadamente, neste Nordeste ressequido, de uma comparação do autor citado, a Academia Cearense de Letras terá para Antônio Martins, no domínio do espirito, o efeito alcançado pela técnica no campo da hidráulica: capta, recolhe, conduz e eleva as águas...

É que, ainda na lição douta e convincente de Charles du Bos, se a Literatura deve á vida o seu conteúdo, a vida deve á Literatura a sua sobrevivência.

Braga Montenegro é uma vocação de literato, atraído da esfera rea-

lista em que milita, entre algarismos e cifras, cheques e operações de juros e descontos, para o gabinete de meditação e de trabalho, onde lavra, com tanto devotamento e delicadeza, o terreno sutil das idealizações e fantasias imaginárias.

Conquistou com mérito a láurea de autêntico novelista — campo de indiscutível influência social.

A tarefa de quem escreve para emocionar é bastante espinhosa. Faz-se imprescindível, hoje em dia, mais do que nunca, não deitar amargura nos corações impressionáveis, nesta época, já de si, tão cheia de tristeza e desenganos.

Passou a fase da literatura de cruizas, que dilaceram o peito. É necessário optimismo e esperança, para que floresça radiosa primavera de alegria e não nos acabrunhe tristonho panorama de inverno, glacial, e enervante.

É este o companheiro que vem conviver conosco, delineando painéis de sentimento humano, lembrado de que tudo o que se grava no papel tem cor e som, a se refletir e a provocar um eco...

A felicidade que se pode transfundir em bençãos e irradiar em luz, não consiste, segundo Tennyson, em realizar os nossos ideais, senão em idealizar o que realizamos...

Raimundo Girão tem já assegurado renome nos debates das questões mais de perto relacionadas com o desenvolvimento econômico do Estado.

Militando no "Instituto do Ceará", encontrou na Casa Barão de Studart o cenário próprio para a sua especialização em estudos sérios, do mais claro proveito coletivo.

Disse Alberto Torres que nenhum outro povo levou, até hoje, vida mais descuidada que o nosso... O espírito brasileiro é ainda um espírito romântico e contemplativo, ingênuo e simples.

Raimundo Girão pertence á linhagem dos que defendem, com bravura e tenacidade, os interesses palpitantes da nossa evolução progressista.

Deixa de parte o convencionalismo de uma civilização, no conceito daquêle acatado sociólogo, de exterioridades ostentosas e de bonitas roupagens, de ideias decoradas, de encadernação e de formas, para olhar de frente os processos de fortalecimento das nossas finanças, de solidificação da nossa economia, com juízo seguro sôbre a realidade dos nossos problemas básicos.

Bem se pode aquilatar a têmpera deste novo consócio, reconhecendo-se que parece ter ouvido o conselho do velho filósofo helênico — Pitágoras: — Cala-te, ou dize alguma coisa mais preciosa que o silêncio!

Fran Martins encabeça alvoroçada turma de valores novos, no seio da mentalidade regional. Vem, por ventura, confirmar o depoimento de Frânklin Távora, quando afirmou que, no Norte, mais do que no Sul, exuberam os elementos para formação de uma literatura eminentemente brasileira, filha da terra.

Os seus trabalhos refletem as singularidades de um meio, onde se conservam os traços característicos da nossa fisionomia social.

Não há negar que o seu esforço, em vencer o indiferentismo ambiente, obteve plena satisfação.

É ele um dos vanguardeiros dessa clarinada que repercutiu com estridor nos centros mais distantes do País.

A calma das nossas plagas não paralisou o ímpeto do seu ardor juvenil, que vem contribuindo para a maior irradiação do brilho das nossas letras, através do intercambio crescente do pensamento nacional.

Conôco batalhará para que se amplie, cada vez mais, o horizonte da nossa visibilidade intelectual, o que sómente se consegue, galgando os cimos dominantes, de onde se descortinam as paisagens refulgentes do supremo Ideal.

Diremos, parodiando o inclito publicista, Carlos de Laet, retemperadas no crisol das virtudes cristãs, as almas encontram, facilmente, o caminho da verdade nas Ciências e da beleza nas Artes.

Fran Martins será, entre nós, o pesquisador de preciosidades nos garimpos do Sentimento, enriquecendo o tesouro das suas criações literárias, no gênio de bondade da raça.

Abelardo Montenegro cultiva, na publicidade, o gênero delicado e complexo, que é a crônica jornalística.

Aí se localizam as fontes originárias da História. No exame dos fatos ocorrentes, na apreciação das personalidades em foco, acumulam-se materiais indispensáveis, na construção dos anais indígenas.

Faz-se mister permaneçam na memória das gerações que se sucedem as ações dignas de perpetuidade, para edificação dos pósteros.

Escrever sobre os acontecimentos diários com justo senso crítico e honestidade de propósitos representa uma forma de estimular os lances da altivez e generosidade da nossa gente.

Não se podem esquecer nas jazidas os veios opulentos, de onde se extraem, na expressão de Ronald de Carvalho, brilhos de pedrarias e ressons de metal sonoro, com que havemos de ostentar, aos olhos dos outros, as maravilhas de ocultos cabedais.

É esta a faina de quem, como Abelardo Montenegro, esboça perfís e ressalta fatos, na imprensa e na tribuna, com perícia e oportunidade, no nobre intuito de trazer, à plena luz, o que a obscuridade escondia, em prejuízo da contemplação de todos.

Valha-lhe o ensejo de, penetrando neste cenáculo, aumentar os seus títulos de dignitário das grandes pugnas pela imortalidade do Brasil.

Carlyle Martins tem o coração forrado de arminhos. A poesia — disse Musset — está na alma, como o rouxinol na ramagem.

Procede do mais recôndito do nosso sér. Como percebeu fino psicólogo, tanto se pode manifestar por um lindo verso, como por uma ação formosa.

Enche de alegria e de paz os desvãos do nosso foro íntimo.

Porisso, a vida dos santos é um hino, transbordante de unção.

Não houve maior lírico, que o Patriarca de Assis, cantando, com a simplicidade de viva emoção mística, as criaturas do Senhor.

Carlyle Martins não sacrificou aos ídolos do futurismo a sinceridade da sua lira.

Não é daqueles, a que se referia Afranio Peixoto, que, ainda tendo na alma a poesia, não na souberam conservar no cristal dos vasos lapidados.

Só a forma, a pauta, no conceito do preclaro mestre, compassa e conserva.

Porque a forma, se é disciplina, é também simetria, equilíbrio, ordem, perfeição.

Carlyle Martins continuará, nesta casa, a tradição do Panteon dos bardos cearenses, que povoam de harmonia as regiões onde se fala a doce língua materna.

Pertence á stirpe aristocrática de Alvaro Martins, inesquecível cantor dos "Pescadores da Taíba". É legítimo herdeiro do renome daquele inspirado vate que militou na primeira linha dos cancioneiros desta gleba esquecida e sofredora, ao lado de Juvenal Galeno e de Barbosa de Freitas, de Lívio Barreto e de Bonfim Sobrinho, glorificando com ritmos imperecíveis o amável berço de Iracema.

Que dizer de Filgueiras Lima, manejador escoceito do vernáculo, ciutilante conferencista, poeta consagrado, emérito pedagogo, com reais serviços prestados á causa sagrada da Educação?

A poltrona que vai ocupar cabe-lhe de direito líquido e certo, como germano expoente do humanismo clássico, entre nós. Podemos incluí-lo entre as pessoas gradas, que constituem o escol da inteligência conterranea.

É o homem de boa vontade, sempre pronto a colaborar, com animo decidido, pelo soerguimento das energias cívicas e morais da juventude.

Ele aprendeu, muito bem, na lição de Saavedra Fajardo, que a felicidade nasce, como as rosas, de espinhos e aturado labor.

No árduo afã de modelar caracteres, para formação do espírito da mocidade, não poupa diligência, procurando preservar-lhe o espírito, da contaminação dos erros e sofismas do século.

O ensino é como a água fresca da chuva que desce do ceu e fertiliza a terra.

Se ele mingua, todos sentem os efeitos ruinosos de tão lamentável crise.

Filgueiras Lima estrutura, em princípios pedagógicos sadios e sólidos, a constituição do magistério de amanhã, na certeza de que será de um professorado consciente e competente, que há-de promanar uma sociedade tranquila, á altura dos nossos créditos de honra, de civismo e de fé.

De fato, no juízo de insigne pensador, se queremos preservar a cultura, é preciso continuar a criá-la.

A educação é o fulcro do progresso humano. Baseia-se na Sabedoria, que a escola dissemina. É a Sabedoria, na translúcida opinião de Goethe, não está senão na Verdade.

Contra a verdade não há prescrições, asseverou Pierre Bayle. Mesmo quando persistem e se tornam velhas, as mentiras, segundo a sua observação, continuam a não merecer o acatamento de ninguém.

Dai podermos contemplar as benções decorrentes de um reflorescimento no campo lourejante, onde os preceptores cultivam as virtudes cristãs.

A Filgueiras Lima, o preito da nossa admiração pela obra efetiva e duradoura do seu ministério patriótico e moralizador, em bem da nossa terra.

Estão, hoje, reabertos, de par em par, os umbrais da Academia Cearense de Letras.

Torna parte na mēsa da presidência Mário Linhares, que, na Capital da República, representa, tão dignamente, os nossos fóros de alta cultura.

Exerce mandato oficial da Federação das Academias de Letras do Brasil, ao participar desta magna cerimônia.

Poeta primoroso e fluente beletrista, o prezadíssimo coestadano era bem o emissário natural da douta entidade metropolitana, nesta solenidade.

Tributamos-lhe, com sincero júbilo, merecida homenagem de aprêço e cordialidade, por tão grato ensejo.

Aos ilustres membros da extinta Academia de Letras do Ceará, que se incorporam à nossa veterana instituição, com ela formando auspiciosa comunidade, para maior fulgor da nossa atividade mental, os nossos mais efusivos cumprimentos.

Serão, como nós outros, vigilantes guardiães dos pundonores ancestrais, a envidar todo o empenho para que não esmaeaça o esplendor das conquistas passadas, no torrão que viu nascer a Liberdade e onde fulgiram, entre tantos astros de primeira grandeza, Alencar e Capistrano, Clóvis e Farias Brito, Antônio Bezerra e Antônio Augusto, Padre Antônio Tomás e José Albano, Moura Brasil e Antônio Sales.

É com inteira confiança no êxito de tão valorosa iniciativa, que a todos saudamos, no deslumbramento deste triunfo, que revive os dias de esplêndido fastígio das falanges literárias, a cuja projeção na História se deve o excepcional relevo desta parcela federativa, no concerto da fraternidade brasileira!